

POÉTICAS ORAIS E IDENTIDADE ETNICORRACIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE VOLTA GRANDE

Carlene Vieira Dourado¹

Resumo: Este projeto de pesquisa, em fase de desenvolvimento tem como objetivo identificar as representações sociais, as marcas culturais e a identidade etnicorracial representada nas narrativas orais da Comunidade Quilombola de Volta Grande, município de Barro Alto-Ba. A coleta de dados ocorre através do registro das narrativas orais, observação participante e prática da história oral. No que tange a fundamentação teórica, estão sendo feitas revisões bibliográficas sobre o conceito de cultura, identidade, memória, comunidades quilombolas, raça e etnicidade. Para complementar os vieses do arcabouço teórico, será base para o estudo uma literatura voltada para a oralidade, uma vez que o *corpus* deste trabalho está focado na valorização da memória e o método para a realização deste é a história oral e sua técnica da entrevista. Espera-se, assim, identificar, mapear e analisar as marcas culturais da comunidade, bem como contribuir para a visibilidade e valorização da memória quilombola e para ampliar os estudos sobre o tema no universo da crítica cultural.

Palavras-chave: Comunidade quilombola. Narrativas orais. Memória. Identidade étnico-racial. Crítica cultural.

INTRODUÇÃO

Um dos maiores empreendimentos comerciais e culturais do mundo moderno - o tráfico de escravos - trouxe milhares de homens e mulheres do continente africano para o novo mundo. Conforme assinalou Munanga (2003, p. 35) “Essa história a conhecemos bem: esses povos foram sequestrados, capturados, arrancados de suas raízes e trazidos amarrados aos países do continente americano, o Brasil incluído, sem saber por onde estavam sendo levados”.

A dominação escravista perdurou por mais de séculos, embora tenha havido muitas formas de lutas, revoltas e resistência. A luta pelo fim da escravidão se expressou através de muitas formas, principalmente, pela formação de quilombos que se constituíram verdadeiros símbolos de resistência de luta pela liberdade.

Quando se fala em quilombo, a primeira ideia que surge no imaginário das pessoas é de uma aglomeração de escravos fugidos, num local isolado. No Brasil, o maior quilombo e mais conhecido de todos os tempos foi o de Palmares que ficou conhecido pela força mítica atribuída ao seu maioral, o líder Zumbi. Estima-se que existam hoje mais de três mil comunidades quilombolas espalhados por todo o território brasileiro, dentre elas, Volta Grande, objeto de minha pesquisa em fase de desenvolvimento, que objetiva identificar as representações sociais e as marcas culturais da Comunidade, através da coleta de narrativas orais e observação participante. Propõe-se a investigar a identidade etnicorracial representada nas narrativas orais e memória quilombola.

¹ Mestranda em Crítica Cultural - UNEB/Campus II. E-mail: karlenedourado10@hotmail.com.

Localizada no centro norte baiano, especificamente na microrregião de Irecê, sertão baiano, a comunidade dista da sede do município (Barro Alto) de aproximadamente cinco quilômetros e cerca de 564 quilômetros de Salvador, capital baiana. A comunidade de Volta Grande é uma das centenas que se formaram no contexto da sobrevivência pós-abolição e não se reconhece enquanto “terra de negro fugido”.

Além do registro da memória quilombola e da análise das representações culturais por meio das narrativas orais, o projeto justifica-se pela possibilidade de abrir espaço e registrar os lugares de fala dos remanescentes, refletindo sobre a consciência de sua situação enquanto grupo social historicamente marginalizado, expressa em seus discursos narrativos. O trabalho proposto se insere na linha 3- Narrativas, Testemunhos e Modos de vida.

VOZES SILENCIADAS & IDENTIDADE QUILOMBOLA

Estudiosos sobre o tema, afirmam que a maior parte das pesquisas sobre a identidade quilombola vem sendo discutida, no Brasil, a partir da necessidade de lutar pela terra, pela conquista ou permanência em seus territórios ancestrais. A Constituição Federal do Brasil de 1988, em seu artigo 68 das Disposições Constitucionais Transitórias, garante aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, o reconhecimento da propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

Antes da aprovação deste preceito constitucional, a luta estava pautada na busca pelo direito à ocupação das terras quilombolas; conseguido, porém esse direito a partir da Carta de 1988, os conflitos ganham menos, uma vez que o tema até então tratado como questão fundiária, assume uma conotação mais ampla, abrangendo aspectos étnicos, históricos, antropológicos e culturais.

Embora o propósito dessa pesquisa não seja exclusivamente a realização de um estudo acerca da luta da comunidade pelo direito a posse da terra, já que não houve até o momento a necessidade de demarcar as terras, há de se reconhecer que a visibilidade que as comunidades quilombolas estão tendo atualmente, seja acentuada devido ao processo de luta pelo reconhecimento de seus direitos territoriais.

Volta Grande trata-se de um povoado do sertão baiano identificado como uma comunidade rural negra que se compõe de pessoas que foram excluídas enquanto grupo social historicamente marginalizado, essa exclusão se deu de diversas formas, uma delas ocorreu em virtude de um sistema de dominação abrangente que inclui, entre outros aspectos, o fato de não dominarem o código linguístico legitimado pela sociedade, a escrita.

A proposta dessa pesquisa, portanto, é de realizar um estudo que traga para a visibilidade a sujeitos que foram marginalizados duplamente, tanto enquanto grupo social que foi historicamente silenciado, quanto por dominar (em sua maioria) apenas um código linguístico, justamente a oralidade, que não teve seu valor legitimado pela sociedade hegemônica. Nesse sentido, trabalhar com a coleta das narrativas orais significa oferecer também a possibilidade de retratar um contexto de práticas da cultura popular e nos faz perceber as marcas das tradições através da memória.

Assim, surge a seguinte problemática: De que forma as narrativas orais se constituem enquanto documento histórico-cultural e/ou político capaz de tornarem audíveis as vozes que foram silenciadas historicamente?

Esse questionamento se desdobra em outros: Será que essas vozes além de silenciadas não decidiram ou mesmo ainda escolheram o silêncio? Ou, assim como observa Jorge Carvalho (1996) sobre o Quilombo do Rio das Rãs, será que o silêncio e a invisibilização são uma estratégia de autoproteção das comunidades quilombolas? Os sujeitos desta pesquisa se autorreconhecem como descendentes de uma origem comum ou a autoidentificação da comunidade, expressa no pedido de reconhecimento encaminhado à Fundação Cultural Palmares em 2008 foi meramente um ato político ou com outros interesses? De que forma a ancestralidade pode ser representada nas narrativas orais? Os sujeitos têm consciência de sua situação de marginalizado socialmente e de que a memória quilombola se constitui como um documento histórico importante na preservação da ancestralidade? Até que ponto a história oral traz elementos para o conhecimento da tradição cultural da comunidade?

O fato de trabalhar com o oral, na verdade com as duas modalidades, tanto as narrativas orais quanto a passagem destas para o código escrito, não significa privilegiar uma modalidade ou código linguístico em detrimento do outro. Valorizar as narrativas orais não significa dizer que haja negação dos paradigmas da literatura ocidental, ao contrário, compartilhando do pensamento de Paul Zumthor (1997), acredito que a relação do oral com escrito antes de ser excludente, é, na verdade complementar. Para ele há uma necessidade de se revisar os cânones literários ou pelo menos trazer para a cena epistemológica espaços não canônicos.

Sofrendo influências de outras culturas ou não, a comunidade em questão, assim como muitas outras marginalizadas, tem suas manifestações e saberes culturais negligenciados ou pouco valorizados, principalmente pela cultura hegemônica. A partir desse pensamento e das demais noções teóricas suscitadas até aqui surgem inquietações várias, por exemplo, se os sujeitos desta pesquisa estão interessados em reconhecimento de sua cultura ou saberes pela sociedade hegemônica ou querem apenas assegurar seu direito de existência?

Ou ainda se a comunidade em estudo se configura como vítima pela exclusão, pelo sombreamento ou apagamento na história ou, por outro lado é protegida da exclusão e do apagamento da história pelo distanciamento social?

A reconstituição de suas histórias por meio da oralidade, o rebuscamento dos traços culturais através da memória, a que esse trabalho se propõe, se configuram como uma arma na luta pela afirmação da identidade cultural.

Propor uma análise, nesse sentido é, portanto, contribuir para visibilizar uma cultura marginalizada, oferecendo a possibilidade de tornar possíveis vozes que estão inaudíveis, que foram deixadas nas margens, sem levar em conta suas contribuições patrimoniais.

Significa trazer para os espaços de discussão e para toda a sociedade grupos que foram silenciados e dessa forma, contribuir para diminuir as desigualdades e preconceitos sociais, ressignificando as nossas relações sociais e econômicas. Seria aqui a aplicação do método de Carlos Ginzburg (1990) que consiste em passar do conhecido para o desconhecido, trazendo para cena aquilo que foi negligenciado. E o que foi negligenciado neste sentido deve ser enxergado pelo espírito investigativo do qual o pesquisador precisa se dispor. E nesse momento o meu espírito investigativo encontra-se num estado de questionamentos e inquietações de níveis diversos, por exemplo, pensar a oralidade como discurso; o que diz o discurso, o que omite, o que faz ou inscreve socialmente? Como isto é feito? Como é articulado linguisticamente?

Assim, será apresentado nesse “paper” um reflexo do desenvolvimento da pesquisa e das inquietações surgidas ao longo do curso, das leituras realizadas até o presente momento e a partir das discussões suscitadas após o estudo das disciplinas nos dois primeiros semestres do Mestrado em Crítica Cultural, além, é claro da pesquisa na comunidade, as quais trouxeram noções teóricas que tem provocado indagações as mais diversas no âmbito geral da pesquisa.

ANDAMENTO DA PESQUISA

Em pesquisas ao site da Fundação Palmares e ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) órgãos responsáveis, respectivamente, pelo reconhecimento, certificação, demarcação e titulação das terras ocupadas por comunidades tradicionais e quilombolas, constata-se a existência de quatro comunidades remanescentes de Quilombos certificadas no município de Barro Alto-Ba, dentre as quais, a comunidade de Volta Grande, tem como fator característico, a participação e realização ativa em eventos culturais, fato este que motivou minha escolha para a pesquisa.

Tenho acompanhado alguns desses eventos, os quais a comunidade realiza como os festejos da festa da padroeira, realizado em junho, o encontro da troca de sementes crioulas, o encontro da consciência negra, campeonatos de futebol, todos realizados pela comunidade, com a participação de comunidades quilombolas vizinhas.

Em relação ao andamento da pesquisa, esta se encontra na coleta de dados (dos causos, mitos e lendas) da comunidade para serem analisadas, assim como a aplicação de um questionário, destinado a homens e mulheres de diferentes faixas etárias, cujo objetivo é conhecer um pouco mais sobre a identidade e as relações raciais da comunidade, assim como a investigar ainda como os quilombolas se veem no processo de mudança da comunidade de rural negra para remanescente de quilombo; essa entrevista semiestruturada é parte integrante da metodologia utilizada nessa pesquisa.

Concomitante à pesquisa de campo, esta se encontra também na fase de leitura de obras para o segundo capítulo, embora seja necessário rever o primeiro capítulo e finalizá-lo de fato. O primeiro capítulo intitulado *Identidade Quilombola*, teve como abordagem, discussões acerca dos inúmeros conceitos de quilombo, da identidade quilombola e os aspectos geográficos, econômicos e culturais da comunidade e claro, fiz uma abordagem acerca da cor, raça e etnia como constitutivos identitários dos quilombolas;

Para esse primeiro capítulo foi feito previamente uma revisão de alguns estudos sobre quilombos, onde o embasamento maior que tive até agora, foram os estudos realizados por José Jorge Carvalho sobre o quilombo do Rio das Rãs, onde ele trata da luta da comunidade pelo direito da propriedade da terra e pelo reconhecimento. Carvalho (1996) faz ainda uma abordagem geral sobre a história dos quilombos nos continentes americanos e no caribe.

Além de Jorge Carvalho, trabalhei com alguns conceitos de identidade, nas visões de Nilma Lino Gomes e Kabengele Munanga além de outras questões abordadas por estes teóricos e outros ainda como Edward Telles, Carlos Moore, Franz Fanon, Florentina Souza dentre outros que tratam das relações raciais.

No que tange às abordagens acerca da oralidade e da memória serão abordadas no segundo capítulo, após estudos mais aprofundados sobre essas temáticas, os quais estou realizando agora; No momento estou levantando material bibliográfico e realizando leituras possíveis das obras de Paul Zumthor, especificamente dos livros “A letra e a voz”, “Introdução à poesia oral” e “Performance e Recepção”. E as obras de Maurice Halbwachs e Michael Pollak e Jerusa Pires Ferreira com as noções também de memória.

Para explorar os elementos da cultura popular, selecionei obras de Câmara Cascudo *“Contos tradicionais do Brasil”*, *“Literatura Oral no Brasil”*, *“Dicionário do Folclore Brasileiro”*. Ainda os estudos de Maria Inez Ayala e Peter Burke com os estudos sobre cultura popular; José Carlos Sebe Bom Meihy com os estudos, métodos e manuais de história oral, além de outras leituras complementares e pertinentes para a pesquisa. E para o terceiro capítulo, pensei tímida e provisoriamente, em realizar a análise e interpretação das narrativas orais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o conceito de quilombo apresente conotações, por vezes controversas, a Associação Brasileira de Antropologia traz uma definição atual entendendo quilombo como toda comunidade negra rural que agrupe descendente de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado.

Entende-se, no entanto, que essas denominações são utilizadas por vários autores para destacar a categoria de quilombo como uma coletividade camponesa, definida pelo compartilhamento de um território e de uma identidade. Considero este conceito bastante coerente, porém não restringiria “à comunidade rural”, dada a existência de quilombos urbanos, no entanto, essa definição reflete Volta Grande, a comunidade corpus dessa pesquisa.

O estudo e as discussões a respeito do conceito de quilombo, sobretudo, suscitaram em indagações e também me trouxeram algumas respostas a respeito da identidade quilombola, uma vez que o contato com a comunidade durante os primeiros passos da pesquisa implicaram numa quebra de expectativa em relação ao que se imaginava enquanto comunidade quilombola.

Nos primeiros contatos com a comunidade durante a realização da pesquisa, eu havia percebido que alguns elementos da cultura afro-brasileira não são preservados como se pensava. Por exemplo, as práticas religiosas não trazem em sua maioria, elementos de “matriz africana”, ou melhor, de “orientação africana”. Esta noção “orientação africana” é defendida por Lima & Alves (2013), para contrapor a noção de “matriz africana”, que conforme os autores, “remete a um ideal de pureza polemizado pelos praticantes e pela literatura específica, assim como remete a uma ideia vaga de todo o continente africano”.

No decorrer da pesquisa, sobretudo, dos estudos para a escritura desse primeiro capítulo, entendi que as comunidades quilombolas, escolheram manter certos aspectos de suas origens africanas e não outros, portanto, dando continuidade ou rompendo com experiências trazidas da África.

Além disso, não há como manter traços culturais intactos por diversos motivos e circunstâncias, sobretudo pela sua relação com as instituições sociais e com o restante da sociedade. Enfim tal não foi o meu equívoco achar que um dos critérios ou o principal critério para que uma comunidade se constituísse quilombola seria a preservação de elementos culturais africanos, os “africanismos” de que falava Reis & Gomes ou ainda a predominância de pessoas negras, de pele escura.

Através da pesquisa, constatei que a comunidade é constituída de pessoas de pele branca e de pele negra e nesse caso, não é a cor apenas que implica no reconhecimento ou identificação com o grupo social ao qual pertencem. Portanto, mais importante que o fator fenotípico, é a consciência social, política e ideológica do grupo.

Na realidade essa ideia equivocada do “africanismo” comungada por muitas pessoas, pode ter sido resultado da influência de alguns estudos sobre o tema, que viam os quilombos como projetos de restauração da África na América

Contudo, a tessitura deste *paper* reflete o estado ao qual se encontra minha progressão enquanto crítica cultural, uma fase de leituras que me levam a inquietações, questionamentos sobre o fazer cultural, sobretudo me traz respostas, além de refletir também o olhar do pesquisador em relação ao objeto pesquisado, o poder fascinante que é a pesquisa, sobretudo, pesquisa humana.

REFERÊNCIAS

- AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura Popular no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BHABHA, Homi K. A outra questão. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p. 105-128.
- BACHELARD, Gaston, *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Trad. Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.
- BOAS, Franz. *Antropologia Cultural. Organização e tradução Celso Castro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras.
- CARVALHO, José Jorge. Prefácio. In CARVALHO, José Jorge (Org.). *O Quilombo do Rio das Rãs. Histórias, Tradições, Lutas*. Salvador: EDUFBA, 1996.
- CASCUDO, Luís Câmara. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1994.

- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. 2 ed. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.
- GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7 ed. RJ: DP&A, 2003.
- LIMA, Ari. A chegada dos negros às universidades públicas: revezes da raça e novos desafios. In: PINHEL, André; COSTA, Hilton; SILVEIRA, Marco Silva da. (Org.). *Uma década de políticas afirmativas: panorama, argumentos e resultados*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011, v. 1. p. 1-247.
- LIMA, Ari; ALVES, Nana Luanda M. Vozes negras no candomblé baiano: Quando a raça importa e quando a raça não importa, 2013. *Revista Nau Literária: Crítica e Teoria de Literaturas*. Porto Alegre, RS. v. 9, n. 1, jan/jun 2013. PPG-LET-UFRGS, 2013.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Memória e identidade. In: *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MINTZ, Sidney; PRICE, Richard. *O Nascimento da Cultura Afro-americana: Uma Perspectiva Antropológica*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Pallas/universidade Cândido Mendes, 2003.
- MOREIRA, Osmar. *Oswald de bolso: crítica cultural ao alcance de todos*. Salvador: UNEB/ Quarteto, 2010.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.
- MUNANGA, Kabengele. *Nosso racismo é um crime perfeito*. Fórum. São Paulo. Ano 8, n. 77, ago/2009.
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social. Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5. 1992.
- REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio. História dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- SILVA, Gilvan Barbosa da. *Comunidades Quilombolas: o reconhecimento e a autoidentificação frente ao processo de globalização e a massificação cultural*. Dissertação apresentada à Universidade do Estado da Bahia para obtenção do título de Mestre em Crítica Cultural. Alagoinhas-Ba, 2011.
- ZUMTHOR, Paul. Presença da Voz. In: *Introdução a Poesia Oral. Trad. Jerusa Pires Ferreira*. São Paulo: Hucitec, 1997.